



ANAIS

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Programa de Pós-Graduação em Letras, Linguística e Interculturalidade

Clareza
Coro Coralina

**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O USO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA EM DUAS SINCRONIAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

SECOND PERSON PRONOUNS IN TWO SYNCRONIES OF BRAZILIAN PORTUGUESE

Fernanda Favaro Bortoletto¹
André Antonelli²

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo estudar o uso dos pronomes de segunda pessoa em função gramatical de não sujeito no Português Brasileiro (PB). Por meio de uma análise de duas sincronias do PB, uma da década de 70 e outra da década de 90, foi realizada uma comparação entre as ocorrências dessas formas pronominais de segunda pessoa. Os corpora utilizados nesta pesquisa quantitativa foram o Projeto Norma Linguística Urbana Culta - RJ (NURC-RJ) e o corpus do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), mais especificamente a Amostra denominada Banco de Dados Internacionais. Como método, foram coletadas todas as ocorrências de pronome de segunda pessoa em posição de não sujeito em cada corpus e classificadas em diferentes variáveis para a elaboração de tabelas, possibilitando a comparação das duas sincronias. Os resultados da análise comparativa apontaram para uma diminuição no uso dos clíticos desde a década de 70, sobretudo em relação ao clítico *lhe*, que foi apagado do discurso dos falantes dos anos 90. Outra descoberta relevante foi a substituição da preposição *a*, frequente na década de 70, pela preposição *para*, na década de 90, acompanhando os pronomes tônicos. Referente aos aspectos que não se modificaram entre as décadas, destaca-se a preferência pela utilização de pronomes tônicos preposicionados e pelo uso de pronomes com referência pessoal. Com este estudo, concluiu-se que o Português Brasileiro, de fato, passou por mudanças com o passar dos anos no que se refere ao uso dos pronomes de segunda pessoa.

Palavras-chave: Clíticos. Análise sincrônica. Pronomes de segunda pessoa.

Abstract:

The goal of this paper is to study the use of second person pronouns functioning as non-subject in Brazilian Portuguese (BP). Through an analysis of two synchronies, one of the 70's and another of the 90's, we investigate the occurrence of this kind of personal pronoun. In this quantitative research, our data was extracted from Projeto Norma Linguística Urbana Culta - RJ (NURC-RJ) and from PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), specifically the sample from Banco de Dados Internacionais. Concerning the methodology, all occurrences of non-subject second person pronouns were

¹ Graduanda do curso de Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Língua Portuguesa. E-mail: ffbortoletto@hotmail.com.

² Professor da Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Língua Portuguesa. E-mail: alantonelli@uem.br.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

collected in each corpus and classified based in several variables, thus allowing the comparison between the two synchronies. Our results show that there is a decrease in the use of clitics since the 70's, in particular the clitic pronoun *lhe*, which was absent in our sample from the 90's. Another important result was the replacement of the preposition *a*, frequent in the 70's, by the preposition *para*, following tonic pronouns. Regarding aspects that have not changed diachronically, we point out the preference for the use of prepositioned tonic pronouns and the use of pronouns with a personal reference. With this study, we show that BP, in fact, has undergone changes over the years with regard to the use of second person pronouns.

Key words: Clitics. Synchronic analysis. Second person pronouns.

Introdução

O funcionamento dos clíticos é um fenômeno que passou por diversas mudanças ao longo da história do português brasileiro (PB). Discussões com foco nas particularidades e no uso dos clíticos de terceira e primeira pessoa têm sido feitas por diferentes pesquisadores. Cyrino (2003) investiga a relação entre a queda dos clíticos com a presença do objeto nulo, com um maior foco nas ocorrências de terceira pessoa e o clítico *se*. De maneira semelhante, Oliveira (2007) observa a distribuição das formas variantes que substituem os clíticos de terceira pessoa. Galves e Lobo (2009) analisam a ordem de disposição dos clíticos, isto é, a alternância ênclise/próclise, sobretudo com os pronomes átonos de terceira e primeira pessoa. A análise desses elementos na segunda pessoa do discurso é, de maneira geral, brevemente discutida. Uma das razões para esse menor interesse pode estar relacionada ao fato dos clíticos de segunda pessoa serem atestados em menor quantidade do que clíticos de primeira e terceira pessoa. Monteiro (1994), por exemplo, apresenta uma análise quantitativa das ocorrências de pronomes clíticos no PB, revelando que, em 953 dados de clíticos coletados em seu *corpus*, apenas 12 são manifestações do clítico *te*, representando apenas 1% da soma total.

No entanto, é possível encontrar alguns estudos que focalizam esses elementos, como o de Oliveira, Lopes e Kenedy (2017), os quais, em um eixo sincrônico, estudam os clíticos de segunda pessoa buscando descobrir quais são as suas formas mais frequentes no PB atual e tentando explicar os motivos que favorecem o seu uso. Em uma perspectiva diacrônica, Oliveira (2015) também investiga os pronomes clíticos de segunda pessoa, mas sua pesquisa é centrada nos dativos, utilizando como *corpus* cartas pessoais escritas entre 1880 e 1980.

O interesse deste trabalho é contribuir para esse debate mediante a investigação das formas pronominais de segunda pessoa em posição de não sujeito, sejam elas clíticas ou não, em duas sincronias do PB. Essa pesquisa é realizada por meio de uma comparação de *corpora* gravados e transcritos na década de 1970 e na década de 90.

Foram utilizados dois *corpora* para o desenvolvimento desta pesquisa. Um deles é o Projeto Norma Linguística Urbana Culta - RJ (doravante NURC-RJ), que foi desenvolvido entre os anos de 1972 e 1978 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desse *corpus* em particular, selecionamos os dados a partir de diálogos entre dois informantes. O outro material



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

eleito para a análise é o *corpus* do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), mais especificamente a Amostra denominada Banco de Dados Internacionais (doravante BDI).

Inicialmente, foram coletadas dos *corpora* todas as sentenças que tenham um elemento de segunda pessoa não sujeito foneticamente visível. Os exemplos de (I) a (IV) ilustram ocorrências retiradas da pesquisa.

- I. Eu vou **lhe** dizer uma coisa.
- II. Eu vou **te** pagar.
- III. Estou **te** sentindo.
- IV. Que a gente pede **pra** vocês.

O exemplo (I), retirado do Projeto NURC-RJ (D2-296), é um caso que ilustra um pronome clítico tradicionalmente classificado como de terceira pessoa, o *lhe*, sendo utilizado como pronome de segunda pessoa do singular. A mesma sentença poderia ser expressa com o pronome clítico de segunda pessoa do singular *te* pois, em ambas as sentenças, tem-se um clítico dativo, como pode ser observado em (II), excerto presente no *corpus* BDI-8. Em (III), também retirado do Projeto NURC-RJ (D2-147), observa-se o uso do clítico *te*, assumindo função de objeto direto. O último exemplo, em (IV), presente em BDI-9D, aponta o uso de segunda pessoa por meio de um pronome tônico preposicionado na posição de objeto indireto.

Em seguida, foi realizada a classificação de cada dado, levando-se em consideração as seguintes variáveis: a) a natureza do elemento de 2ª. pessoa (clítico ou pronome tônico); b) se pronome tônico, verificar a presença de preposição antecedendo o pronome (preposicionado ou não); c) se clítico, tipo de clítico; d) grau de referencialidade (pessoal ou impessoal); e) faixa etária do informante; f) *corpus*.

Após a classificação dos dados, procedemos a uma quantificação dos resultados a fim de que as duas sincronias pudessem ser analisadas comparativamente.

Análise comparativa

Estudos linguísticos debatem amplamente o caráter heterogêneo e mutável das línguas naturais, mostrando que a cada momento elas sofrem mudanças, seja por condições socioculturais, históricas ou geográficas. Argumentando a esse respeito, Possenti (1996) demonstra que não existem línguas uniformes, ou seja, todas as línguas se modificam. Assim, é fundamental para o estudo de uma língua observar e estudar como é o seu funcionamento em diferentes momentos da história, realizando uma comparação para verificar não só o produto final da mudança, mas também de que forma se deu o processo de transformação.

Neste estudo, constatou-se a natureza heterogênea da língua, sobretudo no momento em que se comparam os dados obtidos de cada década. A seguir apontam-se alguns pontos dignos de destaque, os quais ressaltam algumas diferenças entre o comportamento do PB nas duas décadas em análise, ao serem colocadas em oposição de forma comparativa. Nas tabelas 1 e 2, nota-se uma diferença na frequência no uso de clíticos. Como mostra a tabela 1, na década de



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Linguagem, Interculturalidade e Intertextualidade

Clareira
Cerra Corralina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

70 os clíticos eram a forma pronominal mais utilizada pelos falantes. Já na década de 90, como aponta a tabela 2, há uma queda no uso dos clíticos e um aumento na frequência de pronomes tônicos.

Tabela 1 – Uso de pronomes em posição não sujeito nos anos 70

	N	%
Clítico	50	63,29
Tônico	29	36,70
Total	79	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Tabela 2 – Uso de pronomes em posição não sujeito nos anos 90

	N	%
Clítico	32	46,37
Tônico	37	53,62
Total	69	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Vários estudos demonstram o fenômeno de desaparecimento dos clíticos no PB. Cyrino (1996) faz um panorama interessante a respeito do assunto desde o século XVI até o ano de 1973 e revela a maneira como os clíticos sofrem essa redução no decorrer dos anos. A autora ainda evidencia em seu estudo que, a partir do século XIX, ocorrências de pronomes tônicos começaram a aparecer preenchendo a posição do clítico. É justamente esse movimento que se constata ao analisar os dados obtidos do *corpus* de cada década em nossa pesquisa. À medida que os clíticos foram desaparecendo do discurso dos falantes, os pronomes tônicos foram se tornando mais frequentes.

Outra diferença explícita entre as décadas estudadas diz respeito ao uso dos clíticos *te* e *lhe* nos dois períodos. Na década de 70, como aponta a tabela 3, a forma clítica *te* é a mais utilizada, ainda que haja um número considerável de ocorrências com *lhe*. Essa distribuição contrasta claramente com os resultados da década de 90, apresentados na tabela 4. Nesse período, não são atestadas ocorrências com o clítico *lhe*. Assim, percebe-se que, com o passar do tempo, a redução no uso dos clíticos afeta de maneira mais aguda certas formas em comparação a outras, como evidencia o panorama de produtividade das formas átonas *te* e *lhe*.

Tabela 3 – Uso de *te* e *lhe* nos anos 70

	N	%
Te	28	56,0
Lhe	22	44,0
Total	50	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Tabela 4 – Uso de *te* e *lhe* nos anos 90

	N	%
--	---	---

**ANAIS**

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Associação de Professores de Língua PortuguesaClasse
Cora Corálina
Universidade
Estadual de Goiás**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Te	32	100
Lhe	0	0
Total	32	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

O mais interessante é que possivelmente essa diminuição no uso de *lhe* estivesse já em curso na própria década de 70. Como mostra a tabela 5, o clítico *lhe* é a forma menos utilizada pelos falantes mais jovens. Já entre os falantes do grupo etário 50-70 anos, como revela a tabela 6, o vocábulo *lhe* é a forma mais utilizada. Esses dados indicam que, já na década de 70, o uso do clítico *lhe* estava em processo de transformação, sendo mantido por falantes mais velhos e utilizado em menor frequência por falantes jovens.

Tabela 5 – Tipo de clítico no grupo etário 19-25 nos anos 70

	N	%
Te	17	94,44
Lhe	1	5,55
Total	18	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Tabela 6 – Tipo de clítico no grupo etário 50-70 nos anos 70

	N	%
Te	8	33,33
Lhe	16	66,66
Total	24	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Em relação às formas pronominais tônicas de segunda pessoa, observa-se uma mudança referente à preferência no uso de preposições que as acompanham, em particular no que diz respeito à variação *a/para*. Como apresentado na tabela 7, no *corpus* dos anos 70, a preposição *a* é mais frequente no uso com pronomes tônicos do que a equivalente *para*. No entanto, ao confrontar com os dados da década de 90, percebe-se que a preposição mais recorrente nas ocorrências é *para*, conforme visto na tabela 8.

Tabela 7 – Preposição *a* e *para* da década de 70

	N	%
A	9	64,29
Pra/Para	5	35,71
Total	14	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Tabela 8 – Preposição *a* e *para* da década de 90

	N	%
A	1	9,10
Pra/Para	10	90,90
Total	11	100



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Linguagem, Interculturalidade e Intertextualidade

Clareira
Cerra Corralina
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Fonte: Dados da presente pesquisa

Kewitz (2007) discute em sua tese de doutorado os usos das preposições *a* e *para* e evidencia que a preposição *para* no PB faz-se mais presente, sobretudo em contextos informais. Nomeando essa preposição de “forma inovadora”, a autora argumenta que “a variedade popular do português – menos susceptível à influência da escola e da norma – prefere o uso da forma inovadora **para**, restringindo a preposição **a** a poucos contextos” (KEWITZ, 2007, p. 126).

A autora faz um estudo a respeito da gramaticalização das preposições *a* e *para* pensando em dois processos, o da morfo-fonologização e da sintaticização. Kewitz (2007) explora que essas preposições sofreram alterações morfo-fonológicas e expõe que a preposição *a*, por ser átona e foneticamente reduzida, sofre um processo de desaparecimento da oralidade dos falantes do PB (PONTES, 1992 p. 22 *apud* KEWITZ, 2007). Além desse processo, a autora discorre sobre a sintaticização dessas preposições ao analisar diferentes funções sintáticas em que aparecem e conclui que, em todos os dados coletados de seus *corpora*, a preposição *para* se sobressai em quantidade em relação a *a*.

Aqui, é possível fazer um paralelo com as formas clíticas. Os pronomes clíticos são elementos átonos que se ancoram fonologicamente ao elemento verbal (GALVES; ABAURRE, 2002). Dentro desse contexto, considerando que a preposição *a* é também um elemento fonologicamente átono, poderíamos pensar que possivelmente a preposição *a* esteja passando pelo mesmo fenômeno de apagamento pelo qual têm passado as formas clíticas, já que possui natureza semelhante à dos clíticos.

Assim como os clíticos, é possível notar que esse processo de mudança no uso de preposições do PB seja algo que possivelmente estivesse acontecendo desde antes da década de 70. Ao se examinar as tabelas 9 e 10, mostrando o uso das preposições *a* e *para* nos anos 70 em relação à faixa etária, percebe-se que o grupo formado por pessoas mais jovens demonstra preferência no uso da preposição *para*, ao passo que o grupo etário de 50 a 70 anos apresenta uma inversão, com 100% das ocorrências entre esses falantes representando formas preposicionadas com *a*.

Tabela 9 – Preposições *a* e *para* no grupo etário 19-25 anos na década de 70

	N	%
A	1	20,0
Pra/Para	4	80,0
Total	5	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Tabela 10 – Preposições *a* e *para* no grupo etário 50-70 anos na década de 70

	N	%
A	7	100
Pra/Para	0	0
Total	7	100



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Associação de Professores de Língua Portuguesa

Classe
Cera Coralina

 **Universidade Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Fonte: Dados da presente pesquisa

Assim como foram encontradas transformações na língua com o decorrer do tempo, destacam-se também aspectos que não se modificaram de uma década para a outra. Por exemplo, nota-se que em ambas as décadas é mais comum encontrar o uso de pronomes tônicos acompanhados de preposições, como visto nas tabelas 11 e 12.

Tabela 11 – Uso de preposições com pronomes tônicos na década de 70

	N	%
Preposição	26	89,65
Não preposicionado	3	10,34
Total	29	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Tabela 12 – Uso de preposições com pronomes tônicos na década de 90

	N	%
Preposição	31	83,78
Não preposicionado	6	16,21
Total	37	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

A semelhança entre as décadas também se faz presente ao se analisar o grau de referencialidade das formas pronominais de segunda pessoa. Conforme apontado nas tabelas 13 e 14, nota-se que o uso de pronomes, clíticos ou tônicos, com referência pessoal é mais utilizado na década de 70, fato que se mantém até a década de 90.

Tabela 13 – Nível de referencialidade total (clíticos e tônicos) da década de 70

	N	%
Pessoal	55	69,62
Impessoal	24	30,37
Total	79	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Tabela 14 – Nível de referencialidade total (clíticos e tônicos) da década de 90

	N	%
Pessoal	31	58,49
Impessoal	22	41,50
Total	53	100

Fonte: Dados da presente pesquisa

Considerações finais



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Classe Coralima
Universidade Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Após recolher todas as formas pronominais de segunda pessoa em função gramatical de não sujeito de cada *corpus* individualmente, analisá-las dentro de variáveis e fazer a comparação dos dados obtidos de uma década com a outra, concluímos que a língua, de fato, passou por mudanças nesse âmbito com o passar dos anos.

A análise comparativa comprovou o fenômeno de queda dos clíticos tal como já apontado por autores como Cyrino (1996), Oliveira (2007), Galves e Lobo (2009), entre outros. Dentro do conjunto de clíticos há ainda uma mudança de comportamento entre as décadas, que é o processo de desaparecimento do clítico *lhe*, frequente na fala de informantes mais velhos da década de 70, mas que é apagado completamente da fala de pessoas da década de 90, independente de sua faixa etária.

Algo semelhante foi descoberto sobre as preposições *a* e *para*, que acompanham pronomes tônicos de segunda pessoa. A análise levou a resultados que mostram a queda do uso da preposição *a*, sendo substituída por *para*, fenômeno que também foi estudado por Kewitz (2007).

Além das mudanças encontradas ao se analisar comparativamente, percebeu-se aspectos que se mantiveram semelhantes na língua. Assim, a questão do uso de preposições ou não com pronomes tônicos manteve-se estável, com uma preferência por formas tônicas preposicionadas, além da questão do nível de referencialidade das formas pronominais, que continuou semelhante em ambas as décadas com uma preferência por formas semânticas pessoais.

Referências

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, M. A.; ROBERTS, I. (orgs.), **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, pp. 163-185.

CYRINO, S. M. L. Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. **Revista Letras de Hoje**, v. 38, pp. 31-47, março, 2003.

GALVES, C.; ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (orgs.), **Gramática do português falado** – volume IV: estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, pp. 267-312.

GALVES, C.; LOBO, T. Ordem dos clíticos. In LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (orgs.), **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 174-207.

KEWITZ, V. **Gramaticalização e semanticização das preposições *a* e *para* no Português**



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Brasileiro (*séculos XIX e XX*). Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 209 p. 2007.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**: subsídios para uma Gramática do Português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NURC-RJ - **Projeto Norma Linguística Urbana Culta** – RJ. Acesso em: 20/08/2018. Disponível em: <<http://www.nurcrj.letras.ufrj.br/>>

OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 5, n. 9, agosto, 2007.

OLIVEIRA, T. L. de. Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca. *Revista LaborHistórico*, n. 1, pp. 81-98, jan.- jun., 2015.

OLIVEIRA, T. L. de; LOPES, C. R. dos S.; KENEDY, E. O processamento dos clíticos de 2ª pessoa do singular no português brasileiro. **Revista SOLETRAS**, n. 33, pp. 105-136, jan.- jun., 2017.

PEUL – **Programa de estudos sobre o uso da língua**. Acesso em: 20/08/2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/peul/index.html>>

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.